FRANCISCO PACHECO DA ROCHA

ENSINO DE PINTURA PELA CRIAÇÃO

Rio - 1965

FRANCISCO PACHECO DA ROCHA

Pintor

Livre-Docente de Pintura
na Escola Nacional de Belas-Artes da Universidade do Brasil

Professor Adjunto de Segunda Cadeira de Pintura
da Escola Nacional de Belas-Artes da Universidade do Brasil

Regente da Primeira Cadeira de Pintura
da Escola Nacional de Belas-Artes da Universidade do Brasil

Professor dos Cursos Básico e Especializados
da Fundação Getúlio Vargas

ENSINO DE PINTURA PELA CRIAÇÃO

Tese de Concurso para Provimento
da
Primeira Cadeira de Pintura
da
Escola Nacional de Belas-Artes
da
Universidade do Brasil

T/3
1965

Rio - 1965

U. F. R. J.
ESCOLA DE BELAS ARTES
BIBLIOTECA
REG. 64 ANO. 89

Aos meus alunos das 1ª e 2ª Cadeiras de Pintura
da Escola Nacional de Belas-Artes

APRESENTAÇÃO 5

TESE

Fundamentos
Objetivo 10

FUNDAMENTOS 11

CONCLUSÃO 19

BIBLIOGRAFIA 22

APRESENTAÇÃO 5

TESE

Fundamentos

Objetivo 10

FUNDAMENTOS 11

CONCLUSÃO 19

BIBLIOGRAFIA 22

APRESENTAÇÃO

"É próprio do homem – e das instituições humanas – quando perecem os seus postulados, enfeudar-se no dogmatismo..."

F. Pacheco da Rocha (1)

O pensamento acima já vai contando seu tempo. Data de 1950 a primeira Tese por mim apresentada em Concurso à Livre Docência de Pintura na Escola Nacional de Belas-Artes, onde se achava expressa aquela afirmativa. A referida Tese – não custa reconhecê-lo – complexa pela sua amplitude quase dispersiva, contundente pela veemência de sua forma de expressão, causou, na época e no ambiente escolar, um sentimento generalizado de dúvida e, talvez mesmo desgôsto, porque deixava a descoberto uma atitude nova, inusitada em quem – como o autor – ainda Assistente de Ensino, pela primeira vez expunha o seu pensamento em matéria de ensino de Pintura. Acrescente-se a isso o fato de ser aquêle o primeiro Concurso à Docência Livre que se realizava na Escola após um longo período de interrupção na prática dessa norma universitária.

Mas, agressiva ou irreverente, como possa ter parecido, foi uma Tese honesta e, em grande parte, tão acertada, que muitos de seus fundamentos permanecem, ainda hoje, de pé. A problemática do ensino de Pintura, então levantada, jamais deixou de refluir. Inúmeras foram as Teses apresentadas depois, algumas delas de igual ou maior acêrto inquietante. É que os problemas se agravaram, complicados pela ocorrência de novos fatôres determinantes da divisão de idéias e opiniões e sua conseqüente radicalização. Os postulados fundamentais daquela Tese tiveram, mais tarde, a sua reformulação expressa em termos de maior clareza e precisão – porque mais serenos e objetivos – numa segunda Tese (2) cuja

(1) – F. Pacheco da Rocha – "Didática Especial da Pintura" – Tese de Concurso à Livre Docência de Pintura – ENBA – UB – Rio – 1950 – Pág 32.

(2) – F. Pacheco da Rocha – "O Ensino da Pintura" – Tese para provimento da 1ª Cadeira de Pintura da Escola Nacional de Belas-Artes – ENBA – UB – Rio 1953.

apresentação, para debate e defesa, teve seu impedimento contingenciado por determinadas circunstâncias.

A Tese, aqui apresentada, firma-se, igualmente, na viga mestra das anteriores; é-lhes filogênica, de mesma linhagem, senão mesmo consangüínea. E resulta na síntese de tôda a ordem de pensamentos trabalhados desde então; na síntese de uma série de indagações, de cogitações; na síntese conclusiva que a verificação experimental de inúmeros conceitos, nelas formulados, tem permitido estabelecer.

A problemática do ensino da Pintura, na Escola Nacional de Belas-Artes, constitui um processo avultado de questões paralelas e simultâneas, em grande parte. Seus trâmites variam e oscilam, por vêzes, sob impulsos de características diversas que bem mostram a ausência de polaridade; flutuam, em movimento pendular, deixando sentir, no ritmo do seu andamento, instantes de inerme acalmia contrapontados por fases de recrudescência agressiva; é um processo...

As gerações de estudantes sucedem-se na Escola, trazendo nas suas aspirações, nas suas reivindicações e no arrebatamento angustiante de suas incertezas, o tom marcante da dinâmica social moderna; são polêmicas. E isto é muito bom, porque mantém aceso o diálogo das partes interessadas; abertos os ouvidos responsáveis que, acertando ou não, procuram responder aos reclamos insistentes da juventude que cruza os umbrais vestibulares em busca de alguma coisa que se lhes faz necessária, para a qual se sentem atraídos, pela qual irão talvez comprometer e consumir a própria existência, isto é, o sentido dos seus esforços, o objeto dos seus sacrifícios.

A função mental no homem é processiva; é difícil admitir que duas idéias ocorram sem que uma terceira, comum a ambas, interfira; sem aquêle elo que, unindo-as, faça das três um só pensamento. A mente humana funciona sem cessar, qual uma torrente contínua, fluindo e refluindo, empolgando-se ou recessando, para logo continuar. Tem momentos de remanseio — tal como um rio em cujos rebojos a água voluteia, deixando coladas à margem as fôlhas sêcas que carreara das cabeceiras — assim também a mente humana, no

seu refluir incessante, volteia, às vêzes, deixando à margem detalhes inconsistentes, fôlhas sêcas das análises, para retomar o rumo, já então mais límpida, captando adiante novas intrusões. Surge uma idéia, adiante outra ocorre; breve um elo se alça ligando as duas e delas consigo fazendo um todo, um pensamento sob a égide da simetria que rege todo proporcionamento... (3)

Assim tem sido a gênese dos pensamentos do Autor expostos no âmbito escolar — em matéria de ensino de Pintura — não sòmente em Teses anteriores como ainda em trabalhos avulsos ou palestras e entrevistas. A experiência acumulada na seqüência de vários anos letivos, através de atuação ininterrupta junto à Segunda Cadeira de Pintura, já como Assistente de Ensino, já como Professor Adjunto, vinha sendo, até pouco, o lastro de sustentação dos esquemas teórico-práticos — todos êles afins pela origem e objetivos comuns — que o Autor mantinha em atualização por meio de sua reavaliação periódica em face da surgência permanente de fatôres novos de superação ou revalorização.

Mas, apesar da liberdade usufruída, na citada Cadeira, em quanto se refere à experimentação e verificação de resultados, na pesquisa didática, os limites marcados pelo Programa de Ensino da mesma — e que refletem a especialidade de sua orientação — assinalavam com a necessária prudência os contornos até onde chegar sem comprometer a formação do estudante que, por eleição espontânea, buscara naquele mesmo Programa o conteúdo de sua iniciação na Pintura. Dentro daqueles limites, seria cabível — e foi experimentada — a possibilidade da Centralização no ensino da Pintura (4); nessa centralização porém — e em conseqüência da mesma — evidenciou-se a validade do conceito de Integralização (5); finalmente, com isto, aproximava-se o momento de encarar o último e decisivo aspeto que atingia fatalmente a linha divisória, na orientação da Cadeira: - o da criação. Porque o condicionamento da percepção ao modêlo (ensino pela cópia) e a integração livre (ensino pela criação) se antepõem, se conflitam.

---

(3) - Segundo Platão: - "Não é possível ligar bem duas coisas sem uma terceira que de si mesma e das duas faça um todo".

(4) - A admissão em aula de alunos da categoria "Ouvintes".

(5) - Enunciado e analisado na Segunda Tese - 1953 (obra citada).

A indicação do Autor, pela Congregação da Escola, para reger a Primeira Cadeira de Pintura no ano letivo corrente, foi um atendimento oportuno para quem outra coisa não desejava. Orientado por Programa que tende a se doutrinar pela liberdade criadora, o Regime de Trabalho daquela Cadeira, pela sua flexibilidade, permite ao Professor, que dela se encarrega, a adoção de normas de ensino diferentes em relação às diretrizes tradicionais.

Assim, a verificação de possibilidades, segundo o último conceito — o do ensino pela Criação — foi para o Autor a mais valiosa compensação advinda ao esfôrço contínuo e atento com que se vem empenhando na pesquisa em matéria de ensino de Pintura.

À Congregação da Escola Nacional de Belas-Artes, da Universidade do Brasil, o Autor, ao tempo em que submete esta Tese ao critério de sua apreciação, agradece as oportunidades — no estudo da matéria em questão — através dos encargos e responsabilidades que lhe têm sido cometidos nesta Escola.

Guanabara, 1965

*

TESE:

ENSINO DE PINTURA PELA CRIAÇÃO

Fundamentos: - Ensino integral, centralizado e criativo.

Objetivo: - Integração da personalidade do artista em formação; seu condicionamento social.

E N B A - U B

R i o - 1 9 6 5

FUNDAMENTOS

"A Arte parece correr o risco de se afogar em palavras"

Rudolf Arnheim (6)

De fato, nunca se falou tanto em Arte como nos dias que correm. A palavra é função do pensamento e a êle serve como a seu amo, cativa e adepta, ponteando na memória as imagens retidas na vivência com as quais vai mapeando o caminho da resposta. O pensamento puro é silencioso e a mente, quando fala, está, geralmente indagando. Porque não é apenas pela forma interrogativa que se pergunta; a afirmativa também aguarda resposta — verbal ou comportamental — imediata ou remota. Eis porque tanto se fala em Arte; porque nunca se desejou, como agora, tantas e tão complexas respostas.

64/89

O mundo de hoje é grande; mais que nunca. Transcende a própria área terrestre e já se vai estendendo pelo espaço aéreo. A inteligência do homem conduz essa expansão que é a resposta às suas indagações. Particularista porque analítica, mas ao mesmo tempo expansiva, a inteligência de hoje é ecumênica; não reconhece limites, recusa fronteiras, quer no espaço e no tempo; imerge nas profundas pelágicas, mergulha no azul sideral; cruza os umbrais da História e desce ao vórtice milenar da Prè-História; procura as causas e rebusca as origens...

Livre, mais que foi antes, a inteligência atual é inconformada e dinâmica porque movida pelo impulso criador; de tudo se apossa, tudo analisa e revê, para recriar. Caracteristicamente revisionista, quase nenhum ramo da cultura lhe escapa intocado e poucos, ao que parece, ainda são os problemas do homem e da vida imunes à reformulação. Quando não muda a idéia, substitui-se o

(6) - Rudolf Arnheim - "Arte y Percepción Visual - Psicologia de la visión creadora" - Editorial Universitária de Buenos Aires - 1962.

modo de vê-la; e, sob novo prisma perceptivo, ela ressurge na interpretação recriada. Assim é que a inteligência nova, dilatado o seu alcance, vai arquitetando um outro mundo; sôbre alicerces estáveis, novos uns, reconstruídos outros, varridos monturos de escombros que a revisão derruiu.

O revisionismo atual, guiado por aquela inteligência, é o martelo com que o homem vai demolindo muralhas esborcinadas que enfeudavam coisas caducas de ciclos culturais superados. A tecnologia moderna, obra daquela mesma inteligência, é o instrumento da reconstrução. O antigo mêdo da máquina, em que pese ainda o fantasma da automação, vai sendo vencido, enquanto a tecnologia, suprindo o homem de recursos materiais poderosos, ampliando-lhe cada vez mais o poder de domínio sôbre o seu meio, concorre para enriquecer-lhe os recursos de sobrevivência, as garantias de manutenção, com economia do seu tempo de trabalho. A tecnologia moderna está dilatando o espaço-tempo do homem. Dilatando o espaço pelo maior alcance da velocidade de deslocamento físico; dilatando o tempo pela economia do mesmo e que deixa ao homem o saldo das horas disponíveis. São frutos da tecnologia geral, resultados da eletrônica, da automação do trabalho... Aceleradamente, vai a nossa época avizinhando o final de um longo processo cujas conseqüências, no campo social, serão marcantes. A automação tecnológica semelha hoje o que foi para o século XVIII a revolução industrial...

Uma das conseqüências da automação do trabalho — que já se faz sentir — é a economia do tempo; o tempo-trabalho reduz-se, crescendo, em conseqüência, a disponibilidade do homem no que toca ao lazer. Nas sociedades primitivas o tempo disponível sempre é fator adjuvante no desenvolvimento da cultura, na extensão das atividades artísticas ou religiosas. A cultura artística se expande na medida em que, melhorada ou reforçada a estrutura econômica, se reduz o ritmo dos afazeres rotineiros de manutenção, de sustento, oferecendo ao homem aquela disponibilidade ociosa que deriva no rumo da aplicação do tempo livre em atividades de habilidade criativa. Quando sobra o tempo da pesca, da caça e da colheita abundante, quando, na cultura agrária, avolumados os

suprimentos, e, adiante, a riqueza dos rebanhos de abate, determinando a contenção dos azares, da incerteza, começa o homem a desfrutar de maior tempo tranquilo que, normalmente, é dedicado à indústria dos objetos de uso, armas e utensílios manufeitos, bem trabalhados e decorados. Casas são feitas melhores; as festas se empolgam e as danças se delongam por dias enquanto as tubas ou atabaques se exibem mais ricos de acabamento na forma e na decoração esmerada; as máscaras pintadas têm maior vigor expressivo nas côres ou nos contrastes, enquanto as bebidas fermentam nos vasos cerâmicos, incisos ou modelados, ao passo que os grupos se expandem nos cantares rituais. Há uma interação artística na integração social...

No mundo moderno civilizado, a derivação do tempo disponível para as atividades que extrapassam do trabalho de simples manutenção da sobrevivência é crescente, enquanto e à medida em que recessa o prestígio do "homo faber". No contexto socio-econômico moderno a questão do tempo livre é dos fatôres que mais contam, como bem mostra a história industrial. Dantes, era o trabalho - castigo severo ao transvio do Eden - que absorvia o homem, lhe roubava o tempo, afastava-o do lar e lhe consumia a mente e os sentimentos; hoje, ao contrário, o desemprêgo ou a redução do tempo-trabalho (aspetos inerentes ao próprio Trabalho) é que lhe devolve o tempo, que o manda de volta (ou mais cedo) ao convívio da família, que lhe amplia a margem de lazer, de tempo livre tranquilo porque acobertado pelas subsistências salariais e garantias de contratos que os "fideicomissos" previdenciários complementam.

Isto e, por outro lado, a democratização da cultura geral, com a sua rápida e intensiva difusão penetrando a fundo nas camadas sociais, agem no sentido de despertar a curiosidade do homem para determinados aspetos da vida que, muitas vêzes, lhe passavam despercebidos. A intercomunicação humana, o rádio, o cinema, a televisão; a gráfica informativa ou publicitária, etc, levam os seus influxos motivadores até à intimidade caseira, determinam o aguçamento e a dilatação da sensibilidade dos grupos humanos que passam a volver os olhos, ouvidos e a inteligência para os mais variados campos de interêsse; e, dentre êsses interêsses, avulta o da Arte.

"É sabido: não há, por trás da nova arte, uma nova humanidade, mas sim um novo comportamento humano".

W. Worringer (7)

É na confluência dos fatos sociais que se define, de um modo geral, o pensamento de uma época; de tal modo, às vêzes, que êsse pensamento chega a se identificar com aquela época neste ou naquele aspeto. No Renascimento, por exemplo, a confluência de determinados fatos – no terreno das artes plásticas – como a preocupação com desenho, o claro-escuro, a busca do volume, a convenção perspectiva, a terceira dimensão, o reestudo da simetria, etc – confluência, convém repetir, porque tudo isso já se prenunciara antes – determinou, por fim, um pensamento generalizado com o qual não seria absurdo definir aquela época pela característica da visualidade. Modernamente, sob o influxo de todos aquêles estudos e, ainda, com a contribuição e progresso de outras ciências; com as pesquisas e descobertas em outros campos antropológicos; com o estudo avançado da fisiologia humana e com o progresso da psicologia – constituída afinal em ciência, assessorada pelos meios mecânicos e eletrônicos de análise, etc, vivemos uma época que se poderá dizer marcada pela conquista do entendimento da Percepção. O Renascimento – neste raciocínio – foi Visual; o mundo de hoje é Perceptivo.

Nos nossos dias, parecem confluir, pelo menos, os seguintes fatos:

- Autonomia da inteligência humana;
- Divulgação ampla e intensiva do conhecimento das coisas;
- Aumento da disponibilidade do tempo livre;
- Conhecimento e controle da Percepção.

(7) - Wilhehm Worringer - "El Arte y sus interrogantes" - Editorial Nueva Visión - Buenos Aires - 1959.

Assim se apresenta hoje o homem, cada vez mais informado das coisas da Arte; com disponibilidade de tempo para desenvolver ou recompor a sua personalidade dentro e por meio da Arte; dotado, finalmente, de um domínio maior no conhecimento dos fenômenos perceptivos.

Assim se afigura a confluência de diversos fatos sociais na qual não parece errado situar o ponto de condensação de tôda a crise que vem sacudindo o ambiente das artes de certo tempo para cá. É o leigo que descobre a Pintura, às vêzes, já tarde; é o funcionário ou o novo rico que começa a comprar ampliando o mercado de Arte; é o crítico apontando rumos ou condenando caminhos superados; é o artista desbravando novas trilhas; é o amador entrando na liça — de um lado e de outro — avolumando os grupos que se digladiam nesta ou naquela trincheira, etc. É uma nova atitude do homem, um novo comportamento humano em face do fenômeno artístico.

*

"A conquista de uma liberdade é sempre um passo avante na civilização"

Lionello Venturi (8)

O homem moderno vai-se libertando à medida que cresce a autonomia de sua inteligência. A coerção intelectual pode calar a voz mas não escurece a mente. A inteligência atual é expansiva e luta com vigor pela sua emancipação completa. Com essa libertação - já em boa parte alcançada - ela se volta a si mesma e, numa auto-análise profunda, se reafirma projetando o seu domínio fora do homem, do seu meio, nas fôrças naturais que o envolvem, no seu mundo e além dêle.

O avanço da psicologia deu ao homem consciência maior da sua pessoa; desvendou-lhe mistérios da sua personalidade, explicou-lhe razões do seu comportamento, ampliou o alcance da sua vontade, modificou-lhe a sensibilidade, deu-lhe, enfim, uma nova percepção de si mesmo, da vida, do mundo, da ciência, da religião e da Arte.

O estudo da criança foi decisivo para a compreensão da personalidade, seu desenvolvimento, sua integração na vida. A compreensão do homem primitivo e a análise do comportamento psicopata deu ao homem moderno uma nova dimensão de si mesmo, de suas limitações, de suas possibilidades, de sua auto-defesa na readaptação constante a que é solicitado por um mundo em marcha contínua de transformações sucessivas, mundo em crise, em evolução...

É nessa nova dimensão humana que assoma, com importância crescente, o fator Arte; êsse produto, êsse efeito de uma peculiaridade humana - a atividade artística - que Carrel destacou do seu complexo como uma peculiaridade autônoma, independente de tôdas

(8) - Lionello Venturi - "Cuatro pasos hacia el arte moderno" - Editorial Nueva Visión - Buenos Aires - 1960.

as outras, dêle mesmo (homem), do seu estado físico ou psíquico, de sua idade mental, do seu grau de cultura. Sem dúvida, Carrel andou certo; mas creio não ser audácia querendo ir além, dizendo mais:

A sensibilidade artística atua no homem como fator de equilíbrio de suas emoções; a sensibilidade artística - não apenas a capacidade ativa de fazer obra de arte - mas a capacidade de ver, de sentir, de se emocionar ante a obra de arte faculta-lhe a extroversão de sua carga emotiva, esvaziando a compressão das angústias. Congênita, ela é, na infância e na adolescência, o mais poderoso veículo de integração da personalidade. Não se anula nas enfermias onde oferece resposta terapêutica de notório valor. É constante, imperativa e autônoma essa peculiaridade humana; de tal modo que se avizinha, pela sua interação com as demais, dos limites de uma função orgânica; função de interação, de frenação e "relax"; agente de liberação por excelência...

Falar assim em Arte é pensar em liberdade; fica difícil conceber algo em contrário. O homem se liberta na medida em que a sua inteligência se autonomiza; e a inteligência criadora só o é quando livre. Pensar em Arte, é pensar em criação. Arte, Criação e Liberdade são os têrmos que dimensionam a autenticidade do Homem.

"La contemplación es la Madre del Arte;
la Creación, es su Vida;
Arte es Acción;

El Arte es una Fuerza;
la más grande Fuerza que la Naturaleza
pudo poner en el cerebro del Hombre..."

Vargas Vila (9)

(9) - J. M. Vargas Vila - "Libre Estética" - Ramón Sopena, editor - Barcelona - 1920.

CONCLUSÃO

A problemática do ensino de Pintura na Escola Nacional de Belas-Artes, da Universidade do Brasil, envolve, no seu contexto geral, uma seqüência variada de aspetos dentre os quais avultam os seguintes:

1. O da integração da personalidade do artista jovem através do desenvolvimento das inclinações e preferências que lhe são próprias. Essa integração terá que, forçosamente, ser alcançada por meio da condução de um ensino caracterìsticamente livre em que a inteligência criadora do estudante encontre a máxima possibilidade de expandir-se, à medida que se vai estruturando a aquisição dos meios plásticos de expressão.

2. O da integração do artista na sociedade credenciado por uma formação adequada que o habilite a participar da vida artística do país com segurança.

3. O da capacitação do artista mediante a informação completa sôbre os meios plásticos de expressão com adequação dos mesmos às exigências do seu temperamento.

4. O da afirmação crítica do artista novo através do esclarecimento sensato sôbre a interação do ambiente artístico extra-escolar e do seu meio social.

5. O da metodização na seleção e uso dos meios e elementos plásticos, quer do ponto de vista do rendimento de trabalho, quer ainda sob o aspeto de segurança física dos mesmos.

Fica evidente, na enumeração acima dos principais aspetos da problemática do ensino de Pintura, a sua complexidade. Mas em síntese, percebe-se o caráter processionário dos mesmos cujo andamento se pauta pelas fases interagentes de um sistema de ensino: Integral, Centralizado e Criativo.

*

B I B L I O G R A F I A

CONSULTADA

Nº	A u t o r	Título da Obra	Editor	Ano
1	Arnheim, Rudolf	Arte y Percepción Visual	Editorial Universitária de Buenos Aires	1960
2	Bayer, R.	Traité d'Esthétique	Librairie Armand Colin - Paris	1958
3	Bense, Max	Estética	Ediciones Nueva Visión-B.Aires	1960
4	Carrel, Alex	L'Homme cet Inconnu	Librairie Hachette - B.Aires	1942
5	Freire, Gilberto	Arte, Ciência e Trópico	Livraria Martins Editora - São Paulo - Brasil	1962
6	Fry, Roger	Visión y Diseño	Ediciones Nueva Visión-B.Aires	1959
7	Graça Aranha	A Estética da Vida	Livraria Garnier Editora - Rio	.
8	Herskovits,Melville J	Antropologia Cultural-2v	Editôra Mestre Jou - R.Janeiro	1963
9	Kandinsky, Wassily	De lo espiritual en el Arte	Galatea Nueva Visión - B.Aires	1957
10	Meumann, Ernst	A Estética Contemporânea	Imprensa da Universidade - Coimbra - Portugal	1930
11	Ortega y Gasset, José	La Deshumanización del Arte	Revista de Occidente - Madrid España	1964
12	Read, Herbert	A Arte e a Sociedade	Tradução-Editôra Cosmos-Lisboa	1946
13	Read, Herbert	Education through Art		
14	Seligman, Ben B.	Homem,Trabalho,Automação	in Comentário - Ed.Inst.Brasileiro Judaico de C.e D. Nº 2	1963
15	Theyssèdre, B.	L'Esthetique de Hegel	Presses Universitaires de France - Paris	1958
16	Vargas Vila, J. M.	Libre Estética	Ramon Sopena Editor- Barcelona España	1920
17	van de Velde, H.	Hacia un nuevo estilo	Editorial Nueva Visión-B.Aires	1959
18	Venturi, Lionello	Cuatro Pasos hacia el Arte Moderno	Ediciones Nueva Visión-B.Aires	1960
19	Worringer, Wilhelm	El Arte y sus interrogantes	Editorial Nueva Visión-B.Aires	1959
20	Worringer, Wilhelm	Problemática del Arte Contemporâneo	Editorial Nueva Visión-B.Aires	1955

OBRAS DIVERSAS

tratando de Artes Plásticas em Geral, e em particular de assuntos relacionados com a Cadeira em Concurso.

*